

HÓSPEDES DA CHUVA

Sandra Lyon

Que coisa, mulher. Pensei que fosse estiar hoje. Não estiou. Duas semanas atrás quando desabou aquela chuva grossa, fui lá embaixo até a margem do rio conferir o nível das águas. Chamei você para ver, você viu. Tinha subido meio metro. Pois agora deve ter de três a quatro metros a mais de água. Olhe lá. Vai chover até quando? Minha Santa Bárbara!

Uma valeta. Nem pequena, nem grande. Uma valeta no meio da rodovia, mulher. O que interessa é que a enxurrada cobriu tudo. No início a estrada era larga e os carros desviavam do atoleiro. Não sei, mas por que diabo não mandaram consertar aquilo antes? Agora você não pode imaginar o que aconteceu. O barranco desmoronou na parte livre da estrada. Veio o caminhão carregado e meteu as duas rodas dianteiras no atoleiro, patinou. Nem para diante, nem para trás. Pois acabou por tombar, estirado lá, de fora a fora na rodovia.

Aceito um café quente, sim. Mas primeiro eu tenho que tirar esta chapa de barro da sola de minha botina. Encharcou sim, mulher. Que é que eu podia fazer? Tinha que ir lá conversar com aquela gente. Fiz mal? Pois então. Fui disposto até a pedir a proteção da polícia, se preciso. Ou descarregar-lhes chumbo grosso. E tem cabimento arrombarem a cerca de arame farpado? Sei que só queriam as frutas, mas não precisavam estragar a cerca, nem apanharem as frutas que não estivessem maduras. Nem as mexericas verdes foram desprezadas. Apanharam as verdes, sim: o atoleiro está coalhado de cascas verdes, verdinhas. Um pecado.

Pense o que quiser, mulher, mas eu confesso que, de início, fiquei com pena deles. Um ônibus encalhado logo atrás do caminhão. E lotado, o ônibus. Gente cansada, faminta. Tem criança, sim. Vi um meninozinho deste tamanho assim, desenhando com o dedo no vidro embaçado do ônibus. Se tentaram fazer alguma coisa? Tentaram de tudo para desatolar o caminhão. Ainda mais um caminhão carregado: é tonelada que não acaba mais. Vão esperar socorro. Mas que socorro? se a enchente tomou conta das cidades também. Sei não, pode ser que as águas cheguem até nossa casa também. E se amanhã não fizer sol?

Vai me desculpar, mulher, mas eu me preocupei com a cerca de arame farpado. O gado pode sair na rodovia. Veja: eles perderam o medo da lama. Chuva fina, lama grossa. Alguns saíram dos carros para o meio da chuva, uns vieram sem camisa e descalços, outros de agasalho e calçados. Sim, vieram pelo atalho até a casa. Deram volta pelo quintal e entraram no pomar — não viu quando entraram no pomar? Rodearam a casa com cautela de gatos. Devem ter visto tudo fechado e acharam que não havia ninguém aqui. Ou não pensaram, quem sabe.

Veja, os desabrigados perderam a fome. Lá fora ainda purga a chuva fina, o encalhe continua. Até quando, meu Deus? Eu avisei que não lhes desse abrigo. Que não exagerasse. Vieram com as roupas colando no corpo e os cabelos escorridos: primeiro pediram e depois exigiram comida, toalhas, cobertores. Está vendo como lotaram a casa? Mulher, somos estranhos aqui. Minha paciência está por um fio.

Parece que a chuva atiça-lhes a fome. As mulheres tomaram conta da cozinha. Você foi enxotada de lá, reparou? Das panelas e caldeirões, elas fazem saltar sopas, o arroz, a carne cozida e mingaus. Sou capaz de apostar que as provisões vão dar para um ou dois dias mais. Banham-se em bacias quentes, agasalham-se e deitam-se como podem. Não sei não, mas eles estão mais vizinhos que nunca, meio parentes, quase irmãos.

Não, não vou falar nada com ninguém. Sossegue. Sim, eu já me coloquei no lugar deles. Mas, reconheça, mulher, que estou a pique de explodir. Essa chuva não vai parar nunca

mais, meu São Jerônimo! As águas sobem e vão apertando, ilhando a casa. Alguns deles esperam com raiva, outros vão afinando as mãos no baralho. Escute. Daqui dá para escutar as apostas crescendo lá na sala. O dinheiro gira de bolso em bolso. Voltará ao bolso de origem? É, a carga apodrece na carroceria do caminhão. É chuva e mais chuva.

Engraçado: estou me lembrando que no ano passado teve seca por aqui. De esturricar. Lembra-se? Ah, mas agora foi pior, sim, com tanta inundação. Pois é, a colheita está perdida mesmo. Cessou a garoa. Não há chuva, nem sol. Vou ficar lá fora plantado no barro, vigiando o sol que pode abrir. De uma hora para outra. Este é o barro que o diabo amassou, mulher.

Agora: é ou não é, o sol? Sim, amanheceu com sol de estalar mamona. O barro vai secar. Até a tarde, dá para esfrelar os torrões. Eles saíram aos bandos: são como formigas após chuva. Alguns voltaram à rodovia: desatolaram o caminhão. Uf, a estrada está livre. Aonde se meteu essa gente? Pois você não viu? No pomar, no mandiocal, nas roças de milho arrancando o que podem, carregando o que conseguem. Outros estão aqui, espalhados pela casa. Não, eles não têm pressa. Para quê? Daqui a pouco o jantar vai aquecer-lhes o estômago. Vão ficando, mulher. É assim, vão ficando. Paciência.